

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

CONTADO COM FÉ, VERDADE É: AS MÚLTIPLAS NARRATIVAS CONSTRUTORAS DE MEMÓRIA NO FILME "NARRADORES DE JAVÉ"

Ana Carolina Ferreira da Silva

Mestra em História Social, jornalista e especialista em Jornalismo Digital e
Comunicação Corporativa

Unimontes

anacarolmestranda@hotmail.com

Resumo

Este presente trabalho tem o objetivo de promover uma reflexão sobre a importância e os usos da memória, as seleções que ela faz, tendo como objeto de análise o filme *Narradores de Javé*. A história se passa na cidade de Javé, no sertão baiano, e o enredo gira em torno da obra de uma represa que inundaria Javé. Os moradores decidem pedir ajuda a Antônio Biá, o único alfabetizado, a escrever a "história" do local para dar importância ao município. Toda a trama do filme se desenvolve em cima das memórias narradas pelos moradores entrevistados por Biá. Para ajudar na fundamentação teórica, Ecléa Bosi, Maurice Hawbachs, Michael Pollak e Peter Burke. O filme é um ótimo objeto para demonstrar o quanto a memória nos constitui como sujeitos e a relevância dada à origem, na busca pela "verdade" sobre a cidade de Javé. Keith Jenkins e Eni Orlandi com a análise de discurso trazem o necessário tom crítico às narrativas, ponderando que reconstruir um passado é sempre um trabalho de parcialidade, com discursos localizados no tempo. Este trabalho, também dará um destaque a personagem Deodora, abordando as questões de gênero. Simone de Beauvoir ajuda a analisar de maneira o diálogo e a cena escolhidos.

Palavras-chave: memória, gênero, narrativas

Javé, uma cidade pequena, no interior do sertão baiano, corria o risco de desaparecer por causa de um empreendimento de uma hidrelétrica. Desesperados com a possibilidade de ver este lugar de memória, para quem ali nasceu e cresceu, desaparecer, Zaqueu teve a ideia de escrever um livro sobre a história do lugar. Afinal, os responsáveis pela obra da barragem deixaram claro para ele que Javé, só não seria inundada, se eles conseguissem provar que possuía uma história importante, fosse um

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

patrimônio. O objetivo do livro era ser um documento, onde teria narrada a origem do município. Na visão da comunidade, o começo de Javé era o que o local tinha de mais precioso. Um passado grandioso pela valentia e bravura de seu povo. No entanto, quem faria isso se quase todos eram analfabetos? A história deste povo era passada de geração em geração por meio da oralidade. Eis que Zaqueu se lembra de um morador que tinha sido expulso da cidade: Antônio Biá.

Ele não era bem quisto pela comunidade porque utilizou a capacidade que tinha de ler e escrever para movimentar a agência dos correios onde trabalhava e assim garantir o próprio emprego. Inventava histórias mentirosas ou no mínimo comprometedoras e enviava, se passando por vários remetentes que viviam em Javé. Mas se o objetivo era salvar a cidade das águas da represa, valia a pena trazer de volta Antônio Biá e o obrigar a escrever o livro com base no que alguns moradores iriam narrar. E assim foi feito e toda a trama se desenvolveu em torno da escrita das memórias e da tentativa de salvar o município.

Antônio Biá, mais uma vez, decepciona os moradores da comunidade. Não deu conta de escrever o livro em tempo hábil. E mesmo que tivesse conseguido, seria difícil reverter um processo mercadologicamente importante. Javé ficou imersa nas águas e todos tiveram que se mudar. Mas em um momento de arrependimento, no dia em que o elemento mais emblemático e concreto dessas memórias, o sino da igreja, é retirado, Biá começa a escrever a história da comunidade.

Resumido o enredo do filme, vamos à análise dos aspectos que envolvem a memória. A própria condução do telespectador à história de Javé, é um trabalho de exercício da memória. Após seis minutos de filme, aparece o personagem Zaqueu, que convida a todos que estão no bar, às margens do rio aguardando a balsa, a acompanhar a narrativa dele sobre o fato. E a partir daí, o enredo do filme se desenvolve. É o momento em que a memória se apresenta em seu movimento livre, espontâneo e único.

O caráter livre, espontâneo e quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

materiais que estão, agora, a nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, 2016, p. 55)

Portanto, a história de Javé que chega até nós, os espectadores do filme e os demais personagens integrantes da cena, é o que a memória do personagem Zaqueu selecionou para narrar. É um momento único, afinal, caso ele repita esta história para alguém, ela será recontada mantendo o foco central da narrativa, no entanto, com novos elementos e esquecimentos. Porém, a estrutura narrativa do filme, escolhida por quem roteirizou o filme, faz a ruptura para que Zaqueu não se coloque, ao longo de *Narradores de Javé*, como o único que conduz a história. Inserem-se os diálogos na trama, onde as particularidades das memórias individuais dos personagens são colocadas assim como os aspectos da memória coletiva. A cidade de Javé, em si, é um lugar de memória, onde todas essas narrativas se encontram, se perpassam e se constituem em novas narrativas. Onde os monumentos, sejam eles as casas, o cemitério, a praça, mas principalmente o sino que, segundo os moradores, chegou com os integrantes da caravana de Indalécio. E o convívio diário, a experiência com o outro, o que se ouve e se reconta, vão dando sustentáculo a esta memória coletiva. Halbwachs (1990) demonstra que estes pontos de referência da memória, insere os indivíduos na coletividade de um grupo ou lugar. Estas memórias, transmitidas por meio da oralidade, possuem suas hierarquias e classificações; determina “fronteiras sócio-culturais”.

Assim também Halbwachs, longe de ver nessa memória coletiva uma imposição, uma forma específica de dominação ou violência simbólica, acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo, donde o termo que utiliza, de “comunidade afetiva”. (POLLAK, 1989, p.3)

Javé é esse exemplo positivo da memória coletiva defendida por Halbwachs e explicada por Pollak, afinal, o que se percebe na trama é que todos queriam dar depoimento, deixar sua versão, seja por vaidade, seja pela causa em salvar Javé; fortaleceu-se uma comunidade afetiva em torno de uma causa. E diante desta disputa de espaço, Biá quase nunca estava sozinho durante a escuta dos depoimentos. Parte dos moradores faziam questão de acompanhar e ouvir o que era colhido de informação para o livro. Neste momento, percebe-se também, conforme Halbwachs (1990) defende, uma conciliação entre a memória coletiva e as memórias individuais.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum. (HALBWACHS, P.12)

Para ilustrar esta disputa de narrativas e uma briga para que versões sejam conciliadas, nota-se uma diferença muito grande quando uma mulher narra sobre este passado e quando um homem conta a versão; questões de gênero que serão detalhadas mais a frente.

O passado de Javé era só o passado, adormecido, latente nos rincões da memória, às vezes rememorado. O filme não mostra, mas provavelmente estas lembranças só viam à tona durante conversas informais, no cotidiano dos moradores. E assim, sobrevivia, de prosa em prosa. Uma sobrevivência que dava a este passado uma nova roupagem toda vez que era recontado. No entanto, a ameaça da inundação, do desaparecimento, da submersão pelas águas da represa deste espaço de memória, incita na população a necessidade de reconstruir este passado, deixá-lo palpável e concreto, ir além das narrativas orais. A formalização por meio da escrita, para este povo que não “tinha acesso às letras”, trazia a ideia de relevância para esta origem do povoado. O caráter científico, na visão eurocêntrica que formou a sociedade brasileira, está muito atrelado a narrativa escrita. E esta era um luxo nesse pedaço de sertão baiano; privilégio de poucos. Eis que este passado possui a oportunidade de se inserir neste contexto intelectual do qual a maioria de Javé estava excluída. Era a compreensão de que as versões, contadas com muita fé, eram verdadeiras e “científicas”. A formalidade que um livro pode trazer, na concretização deste passado, era elevar este mesmo passado a um grau de importância nunca antes visto e nunca antes exigido. “(...) no momento em que as testemunhas oculares sabem que vão desaparecer em breve, elas querem inscrever suas lembranças contra o esquecimento.” (POLLAK, 1989, p. 7) O ser humano, de uma maneira geral, sempre teve horror a própria finitude, daí a necessidade de não ser apagado, esquecido, eternizado.

Diante da compreensão de como a memória coletiva e as individuais se mostraram necessárias em Javé, este estudo vai analisar, a partir de agora, quatro aspectos do filme: o mito da origem, a seletividade da memória acompanhada da

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

autoprojeção dos personagens neste passado, as questões de gênero e o “memorialista” Antônio Biá.

Como tudo começou: o mito da origem em Javé

“(…) se Javé tem algum valor, são as histórias das origem! Dos guerreiro lá do começo! Que vocês vive contando e recontando. E isso, minha gente, isso é patrimônio! Isso é história grande!” Esta é a fala do personagem Zaqueu, respondendo a uma provocação de que Javé não teria nada de importante por ser um lugar simples e pequeno, onde os grandes fatos da história e os grandes homens nunca se fizeram presentes. Até a memória individual, trazer à tona, um aspecto coletivo: que o povo que deu origem à Jave teria perdido o território onde vivia antes para as tropas do rei e que se tratava de gente brava e guerreira. Isso seria considerado uma “história grande”. No processo historiográfico, o começo, no atual contexto das pesquisas, não tem tanta importância assim. Os processos desencadeados pelas relações estabelecidas importam muito mais. Pois é ali que se esconde a compreensão das transformações, das mudanças. Conforme diz Albuquerque Júnior (2017. p.203):

Estamos sempre buscando sujeito originários, aquele que deu o ponta pé na ação, aquele que começou o jogo, que deu a saída, quando isto pouco importa, pois o jogo ou a História é o que se desenrola daí pra frente e seu resultado independe completamente de quem veio por escalação momentânea ou posição que ocupava dar o primeiro piparote no jogo. Sempre alertamos para o fato de que os sujeitos em História são coletivos; fazem parte de uma grande equipe; na História não se joga sozinho; sempre dizemos que a História, como o jogo, passa-se entre jogadores, é feita das suas jogadas, de seus lances, mas mesmo assim estamos sempre buscando aquele que da marca da cal deu o chute decisivo, cobrou o pênalti salvador, aquele herói que sozinho ganhou o jogo, aquela mão salvadora que no último instante desviou a trajetória do balão.

No entanto, esta não era a compreensão nem de Antônio Biá, que estava responsável por escrever o livro e nem dos moradores interessados em contar a história de Javé. Havia uma necessidade de hierarquizar as coisas, valorizar determinados personagens, sem compreender de que se Javé chegou até onde chegou, manteve-se viva enquanto município por tantos anos deve-se a uma sucessão coletiva de fatos e não um indivíduo ou outro. Portanto, vemos na narrativa dos personagens, o mito da origem hipervalorizado.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A seletividade da memória

Halbwachs nos alerta de que não existe apenas uma memória coletiva e sim várias que a compõem. No filme *Narradores de Javé*, encontramos na fala dos personagens exatamente as múltiplas formas de se contar este passado da origem.

Quando falamos de memória, devemos levar em conta que ela constrói uma linha reta com o passado, alimentando-se de lembranças vagas, contraditórias e sem nenhuma crítica às fontes que, em tese, embasariam essa mesma memória. (...) Por conseguinte, a memória é também positiva e positivista, reafirmando, muitas vezes, um passado de riquezas que antecipa um futuro pelo de potencialidades. (MOTTA, 2012, p. 25)

Nas narrativas da comunidade, esta necessidade positivista de engrandecer as coisas do passado diante da necessidade de se provar que Javé não merecia ser inundada. É neste momento em que os indivíduos escolhem exatamente o que querem privilegiar. As lembranças deste passado não vivido e longínquo, mas que chegou por meio da tradição oral, vão se estruturando em narrativas épicas, cheias de bravuras, escolhas difíceis e importantes. “Por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso, pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativo dentro de um tesouro comum.” (BOSI, 2016, p. 411)

Esta reflexão que Ecléa Bosi (2016) nos traz encaixa perfeitamente ao que o filme nos revela ao longo da narrativa de seus participantes. Eles não só apenas contam a origem de Javé mas se projetam nessas memórias. Na medida em que narram, são inseridas cenas onde quem narra protagoniza esses heróis do passado. No caso dos homens, eles se veem em Indalécio e no caso das mulheres em Maria Dina. Dentro do que Bosi (2016) denomina como “tesouro comum”, ou seja, a memória coletiva, os elementos em comum deste passado se ressignificam em cada fala, ganham um brilho próprio e uma hierarquia de importância de acordo com a subjetividade de cada narrativa.

É nesta seletividade da memória que vemos o enquadramento que é dado a ela de acordo com quem narra. O mecanismo de como funciona o ato de relembrar não é tão relevante mas o que leva a lembrar da maneira como a narrativa se estrutura. Bosi (2016) chama a atenção para as relações sociais do indivíduo, pois estas vão

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

determinar o que a memória privilegia. “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.” (BOSI, 2016, p. 54)

Este jogo de narrativas que o filme traz mostra o quanto a seletividade da memória é o pano de fundo de uma disputa do que ficará para a posteridade. Afinal, quando se discute a função social da memória não há como não considerar os conflitos pois esta não é totalmente consensual. Os relatos não são inocentes e sim uma tentativa explícita de convencer e formar a memória do outro. E no caso do livro que Biá escreveu, mesmo depois de Javé debaixo d'água, é importante ressaltar de que se trata narrativas de memórias e não a memória em si. Há a transformação por meio da escrita e claro, a seletividade do próprio Biá também que faz parte do processo, em um lugar de fala diferente, mas não menos intencionado.

Lembrar o passado e escrever sobre ele não mais parecem as atividades inocentes que outrora se julgara que fossem. Nem as memórias nem as histórias parecem mais ser objetivas. (...) Nos dois casos, passam a ver o processo de seleção, interpretação e distorção, por grupos sociais. Não é obra de indivíduos isolados. (BURKE, 2006, p. 70)

Diante da clara intensão que existe em qualquer discurso, afinal, Eni Orlandi (2015) alerta que discurso é um trabalho simbólico e faz parte de um trabalho social que constitui o indivíduo e sua história, partiremos neste momento para a diferenciação entre duas narrativas importantes no longa metragem: a de Vicentino e a de Deodora. Este é o momento em que as questões e desigualdades de gênero se fazem evidentes.

As questões e desigualdades de gênero: os discursos de Vicentino e Deodora

Uma cidade pequena, localizada nos rincões do interior do Brasil, mais precisamente no sertão baiano, dificilmente teria, em seus comportamentos sociais, um espaço de relevância e protagonismo feminino. Seria até estranho se os roteiristas do filme não levasse esta realidade sócio-cultural brasileira ao pensar os diálogos e os personagens. Portanto, ao longo do filme, é possível notar falas de desrespeito e de diminuição ou ridicularização da mulher. Isso quanto não há situações em que nos diálogos se tem a objetificação do corpo feminino. No entanto, para não se alongar, uma

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

vez que o trabalho não se atém apenas as questões de gênero, foi preciso selecionar pequenos trechos de diálogos para se aplicar a análise com relação a temática deste tópico. Vamos primeiro à fala de Vicentino, apenas pelo fato de ter sido o primeiro personagem a narrar para Antônio Biá a história da origem de Javé.

VICENTINO: - Essa coronha que o senhor tá vendo aqui, já estive no punho de Indalécio!

ANTÔNIO BIÁ: - Indalécio? Fundador de Javé?

VICENTINO: - É esse mesmo! Como o senhor já deve ter sabido, é quase certo que eu seja um descendente indireto daquele nobre chefe de Javé! Indalécio era um homem seco, duro, sistemático! Era um homem que nunca dizia sim quando queria dizer não. Para ele as coisa só tinha uma medida! Prova que nunca descia do cavalo. Dormia montado na sela que era pra tá pronto pra guerra a qualquer hora!

Este trecho da fala do personagem Vicentino foi escolhido propositalmente por causa da maneira como ele narra a personalidade de Indalécio. Além da projeção de si mesmo para os protagonistas deste passado, citada anteriormente, há esta mesma autoprojeção na fala. Indalécio até poderia ter todas as características descritas acima, típicas de um homem que liderava e enfrentava o sertão em tempos remotos, mas percebemos aí uma projeção do próprio comportamento de Vicentino para Indalécio. Vicentino é este homem “seco, duro, sistemático... pronto pra guerra a qualquer hora”. Mais do que ser tudo isso, o que no contexto social de Javé era algo muito valorizado, as características viris tão atribuídas ao sexo masculino, valorizaria o herói que fundou Javé. Aquele que apesar de ter perdido o território para as tropas do rei de Portugal, foi aquele que reconquistou um novo espaço e não abandonou seu povo. Foi “macho e forte”, como manda o estereótipo de gênero masculino, para resolver o problema e dar segurança e estabilidade para o grupo. Vale ressaltar também que, minutos antes deste diálogo, Vicentino presencia Antônio Biá aos beijos e abraços com a filha dele. Levando em consideração a estrutura machista que faz parte do cotidiano de Javé, filha é posse do pai e logo ele é quem decide a entrega dela para outro homem. Falar neste tom áspero e ameaçador, também é uma forma de intimidar Antônio Biá.

Toda a cena, quando assistida, é possível ver a total concentração de Biá na fala de Vicentino. Ele não chega a anotar o que ele narra, no entanto presta tanto atenção que chega a sugerir um “floreado” na história contada por Vicentino. Biá acredita que seja

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

necessária esta “intervenção” que não pode ser considerada uma invenção, para que a história de Javé tenha mais credibilidade. Além de termos aqui um indicativo claro de que a memória é seletiva nas escolhas que faz, quem as colhe também deixa sua intervenção e interpretação que pode dar uma roupagem única aquele momento. No caso de Biá, cujo trabalho memorialista naquele momento não possuía comprometimento nenhum, há uma distorção da narrativa que lhe é entregue. No entanto, o que se tem, é uma colaboração entre pares: tanto Biá quanto Vicentino estão preocupados com a representação que compõe a memória coletiva de Indalécio; o grande fundador de Javé, um homem tanto quanto eles eram. Para fazer o contraponto a estes aspectos apontados sobre o estereótipo masculino, vamos ao diálogo que envolve a narrativa de Deodora.

DEODORA: - O senhor sabe, como todo mundo, que Javé surgiu de uma gente fugida de guerra, eu só não lembro bem que guerra era essa.

FIRMINO: - Era guerra contra a coroa, ô coroa! O rei de Portugal queria as terra porque tinha ouro.

DEODORA: - Pois bem. A guerra contra a coroa. Mas o fato que a nossa gente saiu foi fugida...

VADO: - Fugida não senhora! Eles saíram em retirada!

Só neste trecho destacado acima, Deodora é interrompida duas vezes e por dois homens diferentes: Firmino e Vado. Fato que não ocorreu na narrativa anterior, ainda que Biá estivesse sozinho com Vicentino. Outro aspecto importante a ser destacado é o trocadilho que Firmino faz com a palavra coroa, ressaltando que a juventude, algo que ressalta a beleza de uma mulher e esta, predicativo essencial no sexo feminino, já tinha passado. A velhice não apenas retira este valor como traz o lapso de memória e que, durante a intervenção de Firmino, foi ressaltado. No caso de Vado, há uma interrupção brusca, com tom de autoridade, para corrigir Deodora. Ela mais uma vez não tem o direito de dar sequência ao raciocínio dela. Há uma preocupação de não permitir que fragilize a representação viril do passado de Javé. Fugir significava ser fraco, covarde e esta é uma qualidade abominada para quem queria eternizar na memória coletiva de um lugar, o aspecto de bravura. Uma mulher jamais teria o direito de seguir com uma narrativa que pudesse trazer este tipo de característica para o passado de Javé.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

É importante chamar a atenção para a sequência dessa cena. Depois de um começo de discussão sobre o passado de Javé, com todos falando juntos, Biá pede ordem. E na sequência, Maria que estava no ambiente onde Deodora tentava dar a versão dela sobre os fatos, é vítima de mais um exemplo de desqualificação do sexo feminino no diálogo entre ela e Biá.

ANTÔNIO BIÁ: - (...) Pra começar essa esculhambação logo cedo!

MARIA: - Ô seu Biá! Deixa a Deodora falar!

ANTÔNIO BIÁ: - Cala boca, exu de galinheiro!

MARIA: - Ocê me respeita, seu Biá! Ocê me trate mais sério!

Bastou uma mulher sair em defesa de outra, mostrar que o direito de falar não estava sendo respeitado, ela é repreendida com uma resposta grosseira, repleta de um simbolismo retórico que demonstra aspectos clássicos do machismo e de uma sociedade patriarcal. Para começar a expressão “cala a boca”. Às mulheres é vedado o direito de falar há séculos, é bíblico. O discurso proferido por uma mulher, além de ficar preso no ambiente privado, quando ousa vir para o ambiente público, ou é diminuído, desconsiderado ou é tolhido. Mulher não tem direito de chamar a atenção, repreender ou corrigir um homem. E esta desqualificação da narrativa feminina, é possível ver em um outro trecho, quando Deodora tenta mais uma vez começar a dar a versão dela do passado e é interrompida novamente.

DEODORA: - Faziam muitos dias que caminhavam cansados. Indalécio pelo meio...

ANTÔNIO BIÁ: - Pode pular essa parte, Deodora, porque esse comecinho seu, Vicentino já contou, recontou e descontou.

DEODORA: - É! Mas já deve ter contado puxando pro lado dele. Aposto que nem tocou no nome de Maria Dina!

É importante se atentar para a fala de Antônio Biá. Ele se sente no direito de interromper Deodora e de julgar, antes mesmo dela relatar, que o que ela ia dizer não tinha importância porque um homem, já havia dito. Mas e a visão dela? E o olhar dela? Mais uma vez no filme é mostrado o desrespeito quanto à participação feminina dentro deste processo da memória coletiva. A fala também demonstra outro dois aspectos: a falta de paciência em ouvir uma mulher e a falta de credibilidade quanto ao que ela diz.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

E isto é possível demonstrar quando ele diz com impaciência: “pode pular essa parte”. O diminutivo utilizado na palavra “começo”, vem dar uma conotação ainda maior aos aspectos das desigualdades de gênero em espaços públicos, nos processos de participação da memória. Há uma diminuição do que Deodora ainda vai dizer. A expressão completa: “esse comecinho seu”, é muito significativa quando analisada por completo. O pronome demonstrativo “esse” mostra que Biá, além de ter dito com tom de desprezo, é um pronome que o distancia do que ele está indicando: esse aí... longe de mim, do que eu penso. E pra completar, o pronome “seu”, pra deixar bem claro que é algo vinculado completamente ao que Deodora pensa e não o que um homem pensaria. E quando por fim, Deodora consegue começar a narrar o que ela sabe sobre o começo de Javé, Biá cochila durante a narrativa, o que também demonstra falta de respeito e desprezo pela fala feminina. Por fim, primeira frase da narrativa de Deodora sintetiza todo este tópico do artigo: “O fato é que tem muita gente aqui que não dá crédito à Maria Dina. Sabe por que, minha gente? Porque era muié!”

Diante desta fala de Deodora, é impossível não perceber o lugar à margem da sociedade que é dado a mulher. A condição de não protagonista do processo histórico. Além de ser um ser que se constitui em representações que não foram moldadas por ela e sim por um discurso masculino. Um ser que se baseia no homem para ter sua existência definida. No entanto, o contrário, este nunca acontece.

Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro (BEAUVOIR, 2016, p. 12 e 13).

O memorialista Antônio Biá

Peter Burke (2006) demonstra uma visão crítica ao papel do historiador como guardião da memória. E de fato não é este o dever de quem se propõe a reescrever uma versão de um passado. “Uma das mais importantes funções do historiador é ser um lembrete.” (BURKE, 2006, p. 89) Antônio Biá não pode ser definido como um, mas não dá pra negar que nele houve, pelo menos um esboço, em compreender que um trabalho

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“científico” requer checagem, o ir e vir laborioso do cruzamento de informações. Ele não deu conta, com a pressão do prazo, em escrever o livro; mas o fez, com Javé já debaixo d’água porque não tem represa que possa submergir a memória de um lugar. A memória não está apenas nas coisas, está nos indivíduos que ajudam a compor esse coletivo. A definição simplista mas espontânea de como se lida com o conflito do oral e do escrito, estava entranhado na sabedoria de Biá.

DEODORA: Você merecia era surra de pau! Sujeito inventadô! Traste mentiroso!

ANTÔNIO BIÁ: Inventador não! Eu só mostrei que tinha fogo onde todo mundo só via fumaça! Escritura é assim. Um homem curvo, vira carcunda. Gente do olho torto, eu digo que é zario. Por exemplo: se o sujeito é manco na vida, na história eu digo que ele não tem perna. É assim! É das regra das escritura!

Ainda que de um jeito simples, Biá compreende que seja como memorialista, função que de fato ele assume, seja como historiador, a escrita nunca é o passado em si. E nem mesmo o que a memória produz ao ser provocada. O passado é inatingível tal como foi. No entanto, a oralidade e que num trabalho “científico” se traduz como metodologia conhecida e respeitada como História Oral, é uma oportunidade como Alberti (2005) defende, de ter histórias dentro da história. No caso, como um povoado de Javé, não há como se ter documentos burocráticos pela simplicidade do local. Mas quem disse que a fala daquela gente não tem relevância? A história está em tudo e a história vista de baixo veio mostrar isso. A história oral, em seu papel metodológico, concretizar este processo de inclusão.

As incertezas, descartabilidade da referência exata, garantem às narrativas decorrentes da memória um corpo original e diverso dos documentos convencionais úteis à História. Em particular, História Oral de vida se espria nas construções narrativas que apenas se inspiram em fatos, mas vão além, admitindo fantasias, delírios, silêncios, omissões e distorções (MEHY; HOLANDA, 2017, p. 34)

Conclusão:

Este filme provoca várias reflexões mas principalmente deixa o questionamento do que é história e qual o papel que ela possui de relevância no cotidiano dos seres

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

humanos. Apresenta, logo no seu começo a grande questão entre a memória, a escrita, a oralidade e o que é de fato científico, importante e histórico. O enredo apresenta o quanto o conceito de ciência está atrelado ao que é escrito, provado. Javé não é um lugar isento de passado, de história e memória. Só não possuía isso concretizado em um papel.

O filme leva a reflexão sobre as diferenças que precisam ser pontuadas entre: fato histórico e memória. O fato histórico não é o que Biá relatou em seu livro. Este ficou no passado e não há como ser alcançado. E a memória, traduzida pela oralidade, traz à tona essa interpretação do passado, junto com os vestígios que sobraram. E por mais que o filme traga sempre a visão positivista da história como o relato da verdade, sabe-se que o que o historiador busca é a verossimilhança. No caso de Javé, a oralidade traz a narrativa, da narrativa, da narrativa, num espiral de informação que foi passando de geração em geração.

Narradores de Javé ressalta o quanto a história é uma ciência complexa. Ela trabalha com o acontecimento e produção do fato histórico e construção escrita deste fato histórico, em um recorte temporal. Não há prática discursiva que esteja deslocada de sua época. Apesar de alguns personagens exigirem que Antônio Biá escrevesse o que eles estavam falando, a historiografia impõe o confronto de informações. Não é apenas uma narrativa tal como ditaram. E Biá, em seu jeito simples, se esforça pra tal apesar de cair também na tentação da própria memória, da falta de isenção. Aliás, isenção em um processo de construção seja de memória ou de ciência, é uma característica considerada utópica. As narrativas oriundas dessas memórias seriam então, mentiras? Obviamente que não mas carregam consigo as particularidades de quem proclama as palavras, as subjetividades do olhar de quem relembra. O passado que se plasma na mente de quem narra lá está, com o seu valor, com o seu modo. No entanto, essa variedade de pontos de vista não leva a um relativismo simplesmente. Por isso, o título dado a este artigo “contado com fé verdade é”, é uma forma leve de dizer: a memória merece ser respeitada mas também se pode ser revirada, desconstruída. Isto cabe ao historiador.

No fim do filme, depois de todas essas reflexões sobre história e memória, Zaqueu, que se colocou como o narrador do enredo logo no começo do longa metragem,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

diz uma última frase em *Narradores de Javé* que não só retoma tudo que foi discutido como também abre uma última questão da historiografia: o fato da história não ter fim.

ZAQUEU: - Essa história de Javé que se conta mas que também pode ser lida e relida por essa serra e por essas grotas sem fim. Tá assentada em livro, correndo o mundo pra nunca que ser esquecida. É isso e não tem mais que isso. Quem quiser que escreva diferente.

“Quem quiser que escreva diferente”, ou seja, a história não tem um desfecho. Todo e qualquer historiador que pegar um fato para fazer dele um objeto de análise, vai dar um ponto de vista diferente, vai ter percepções diferentes e podendo até avançar no modo como se percebe as relações de um processo histórico.

Até aqui, sustentei que a história é um discurso em constante transformação construído pelos historiadores e que da existência do passado não se deduz uma interpretação única: mude o olhar, desloque a perspectiva, e surgirão novas interpretações (JENKINS, 2005, p. 34).

O que não se permite pensar que história seja ficção. Os fatos e feitos humanos no tempo possuem uma materialidade, uma espinha dorsal. As interpretações dos mesmos é que podem variar. Um trabalho ético e com o devido critério de análise de fontes, vai possuir pontos em comum diante de outras narrativas feitas ou que ainda vão existir. Ainda com ressalvas, Antônio Biá deixou história dele. E quantos outros vierem escrever sobre Javé, usarão elementos parecidos, com especificidades no discurso.

Mídia audiovisual:

Narradores de Javé. Direção: Eliane Caffé. Produção: Vania Catani e André Montenegro. Local: Rio Filme, 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Trm-CyihYs8>

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. *Histórias dentro da História*. In: PINSKY, Carla B. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: A arte de inventar o passado (ensaios de teoria da história)* – Curitiba: Ed. Prismas, 2017.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*/ Trad. Sérgio Millet. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOSI, Ecléa. *Mémória e Sociedade. Lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BURKE, Peter. *Variedades em História Cultural*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Jandira – SP: Vértice, 1990.

JENKINS, Keith. *A história repensada*. São Paulo – SP: Contexto, 2007.

MEHY, José Carlos e HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2017.

MOTTA, Márcia Maria Mendes. *História, memória e tempo presente*. In: CARDOSO, Flamarion e VANINFAS, Ronaldo (org) *Novos Domínios da História*. São Paulo: Elsevier, 2012.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3 – 15, 1989.